



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 74-75

SUSANA CORREIA (1955-2021) *IN MEMORIUM*

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO - ARMAZENAMENTO MEDIEVAL
E MODERNO EM PORTUGAL

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

74-75

Ano de Edição

2025

Ano Associativo AAP

2022-2023

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e César Neves

Design gráfico

Paulo Freitas

Fotografia da capa

Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

250 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud

SUSANA CORREIA (1955-2021) IN MEMORIUM

- 9 Apresentação
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Susana Correia / primórdios do Campo Arqueológico de Braga (1977/1978)
Francisco Sande Lemos
- 21 Uma mulher do Norte, em trânsito para o Alentejo
António Carlos Silva
- 27 Década de 80: alegria do trabalho num sopro de nostalgia
Teresa Marques
- 31 À Susana, uma serena viagem para Ítaca
Maria Filomena Barata
- 35 Legado de Susana Correia aos jovens arqueólogos
Jacinta Bugalhão
- 49 “*Informação Arqueológica*”. Um boletim de e para a divulgação da Arqueologia Portuguesa
Carlos Boavida
- 61 Susana Helena Bastos Correia da Fonseca (1955-2021), antiga aluna, amiga de sempre, cidadã empenhada: a nostalgia do Sul
Vitor Oliveira Jorge
- 65 Degebe em Alqueva: 1998-2001
Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Virseda Sanz
- 83 A Rua do Sembrano. Um caso paradigmático de Arqueologia Urbana na cidade de Beja
Carolina Grilo
- 95 Susana Correia e o projeto do Museu de Moura
Santiago Macias
- 99 Memórias
Susana Lopes
- 103 Lembrando a Susana
Eduardo Pires de Oliveira
- 107 Susana. Memórias, Encontros e Partilhas
Ana Isabel Palma Santos
- 109 Susana Correia e o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa
Ana Sofia Antunes
- 117 Para uma bibliografia da Susana Correia
Manuela de Deus

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL

- 125 Colóquio – “Silos, matamorrás e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques, Teresa Marques
- 127 Os silos Medievais da *Villa* Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo
Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Mário Monteiro
- 137 As “covas de pão” de Carnide: um grande celeiro às portas da Lisboa medieval
Ana Caessa, Nuno Mota

- 157 Silos Medievais de São Vicente de Fora – Lisboa
Nuno F. Poínhas Pires
- 167 Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos: os silos medievais do Largo da Atafona – Lisboa
Vasco Noronha Vieira, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Dário Neves, Marina Carvalhinhos
- 177 Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto
Sérgio Manuel Peleja Rosa
- 195 *Quem Guarda, acha!* Os silos medievais do Centro Histórico de Moura
Vanessa Gaspar

ARTIGOS

- 215 Lâmina de machado, pré-histórica, no culto ibérico a Júpiter?
Mário Varela Gomes
- 221 As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios
Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro
- 239 Arqueolog(IA). O uso da Inteligência Artificial na prática e na teoria arqueológica
Daniel Carvalho
- 247 Francisco Santana. O olisipófilo e o periódico *Olisipo*
Eunice Relvas
- 253 Contar 30 Anos. A actividade da Comissão de Estudos Olisiponenses (1994-2024)
Carlos Boavida

RELATÓRIOS

- 263 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2022
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 271 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2023
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 279 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 283 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 287 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 291 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 293 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2022
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 297 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2023
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 301 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2022
Lina Oliveira
- 303 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2023
Lina Oliveira
- 305 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2022
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 313 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2023
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

DÉCADA DE 80: ALEGRIA DO TRABALHO NUM SOPRO DE NOSTALGIA

Teresa Marques

tmarques6@gmail.com

“Que belo é ter um amigo. Ontem eram ideias contra ideias. Hoje é este grotesco abraço a afirmar que acima das ideias estão os homens. Um sol tépido a iluminar a paisagem de paz onde esse abraço se deu forte e repousante. Que belo e natural é ter um amigo”

Miguel Torga, “Diários” (1935)

1. OS GLORIOSOS ANOS 80

Denominada em 2013, numa série televisiva do National Geographic Channel, a época que “*fez de nós quem somos*”, foi um período marcante da história do séc. XX, nomeadamente pelo início da idade da informação. Em 1982 surgem os primeiros CDs, em 1983 é lançado pela Apple o computador Macintosh, em 1988 foi implementada a primeira rede de fibra óptica projetada para utilização da técnica DWDM (Dense Wavelength Division Multiplexer), que interligou os Estados Unidos com a Grã Bretanha, a Alemanha e a Holanda.

Em Portugal, nos serviços públicos ainda se escrevia à mão e em máquinas de escrever, algumas eléctricas. Não havia telemóveis ou GPS, e utilizavam-se as cartas Geográficas dos Serviços do Exército para localizar os sítios arqueológicos. Os dicionários e as enciclopédias abundavam e constituíam elementos

indispensáveis para qualquer pesquisa, a par das bibliotecas e arquivos.

Após as transformações políticas de 1974, verifica-se um período de reflexão no âmbito da cultura, que origina em 1980, a criação do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), uma organização interdisciplinar constituído por vários departamentos, entre os quais o Departamento de Arqueologia (Decreto Regulamentar n.º 34/80, de 2 de Agosto), bem como os Serviços Regionais de Arqueologia (Decreto – Lei n.º 403/80, de 23 de Setembro). A Arqueologia ganha assim, pela primeira vez, alguma autonomia ao mesmo tempo que, no IPPC, é a única actividade que se integra numa regionalização através dos respectivos Serviços Regionais, que se extinguem após o Decreto-lei n.º 216/90 de 3 de julho, transformando-se em Divisões de Arqueologia integradas em Direcções Regionais mais amplas.

“Esta estrutura, apesar de alguma debilidade técnica face à escassez dos recursos que lhe foram sendo disponibilizados, levaria a cabo, durante os dez anos da sua existência, uma acção que podemos hoje considerar decisiva para o salto qualitativo e quantitativo da Arqueologia portuguesa” (Silva A.C, Marques T, Almadan 1992 2ª série n.º 1, “Estrutura Oficial da Arqueologia, pp 32-35).

É precisamente em 1980, no âmbito de uma requisição pelo então director do Museu Nacional de Ar-

queologia, Francisco Alves, de vários jovens arqueólogos, ainda não profissionalizados, a maior parte dos quais professores do ensino secundário, que se dá o meu encontro com a Susana Correia, desde então minha colega e Amiga.

2. AMIZADE SEM FRONTEIRAS

Ao ler a última frase que me escreveste em 2019, em dia de aniversário onde, para além das felicidades dizes que *“uma amizade de 40 anos há-de servir para alguma coisa”* optei por escrever te em jeito de carta, tentando uma resposta que, na altura, me pareceria impensável, já que nada me levava a imaginar a tua partida tão brusca.

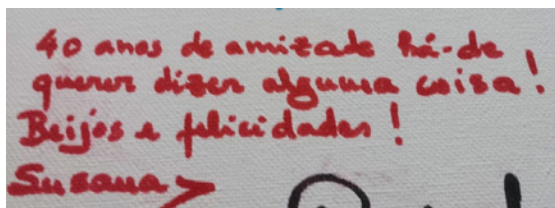


Figura 1 – Dedicatória de aniversário. 2019, Lisboa.

Pois é, esse tempo serve para reconhecer uma amizade sem fronteiras, daquelas que perduram na distância, em que os momentos de cumplicidade ficam gravados na memória e, pese embora o duro facto de não continuarem, constituem uma importante ajuda em momentos menos felizes.



Figura 2 – Susana Correia e Teresa Marques. 1996, Lisboa.

E, porque entendo necessário enaltecer quem se mantém fiel aos seus princípios, aqui estou eu a escrever te quando já não me irás ler, para afirmar isso mes-

mo, a tua grandeza de carácter, que algumas vezes te originou mágoas e tristezas, sem nunca te desviar dos valores em que acreditavas.

Que falta me fazes, querida Amiga! A tua bonomia e capacidade de ouvir, o teu sentido de humor, a tua crença na vida e nos seus sabores, o teu amor pelos animais abandonados, o teu talento para a música, que conseguias tocar de ouvido no piano, com uma facilidade rara, o teu conhecimento sobre a Agatha Christie, sobre o ouro dos nazis, sobre a cultura e ilhas gregas, que pensavas explorar até à exaustão, apenas te reformasses, a tua generosidade, o teu pensamento focado mais nos outros e menos em ti.

Lembro me com frequência dos anos oitenta e de quando nos conhecemos, na reorganização do Museu Nacional de Arqueologia e depois no recém-criado Departamento de Arqueologia do IPPC, quer pela actividade arqueológica desenvolvida, quer pelo entusiasmo e alegria que diariamente experimentávamos. Desde aqueles tempos, nunca mais senti o clima intenso e saudável do trabalho desenvolvido, pese embora a falta de muitas condições hoje consideradas indispensáveis, tais como a inexistência de telemóveis ou computadores, o atendimento telefónico variado, com um telefone por sala, os inúmeros pareceres, informações e relatórios escritos à mão, as idas para o campo em carros próprios, com ajudas de custo mínimas ou inexistentes, só pelo prazer de ver ou descobrir sítios arqueológicos, o entusiasmo na elaboração dos primeiros números da *“Informação Arqueológica”*, a primeira revista do Departamento de Arqueologia, de impressão e paginação caseira, a realização em 1986 da exposição *“5 anos de Arqueologia”*.



Figura 3 – Carlos Jorge Ferreira, Susana Correia e Ana Isabel Santos. 1986, Lisboa. Exposição 5 anos de Arqueologia.

Tudo isso se vivia então, numa mistura saborosa e saudável de trabalho /diversão, com regulares jantares no Bairro Alto, depois de intensos dias no Departamento, como lhe chamávamos. As reuniões em casa uns dos outros, onde se expressavam e discutiam novas ideias e planos de organização do serviço, a que frequentemente se juntava o nosso eterno chefe e amigo António Carlos Silva. Éramos jovens, cheios de entusiasmo e criatividade, numa procura constante de melhorar e evoluir. Com ideias políticas, por vezes divergentes, com diferentes capacidades financeiras, mas com um gosto pela vida, pelo património e pela descoberta, numa cumplicidade sem limites, que conseguia transformar algumas “desgraças” em fina ironia, e sobretudo alheios ainda aos problemas de competição e mesquinhez, tão normais em serviços da função pública.



Figura 4 – António Carlos Silva, Susana Correia, Teresa Marques, António Jorge Branco (no acordeão), Leonor Serrão, Joana Cartaxo. 1983, Algés.

Mais tarde, falámos muitas vezes da importância dos anos 80 no nosso percurso profissional, sobretudo na sua contribuição para o fortalecimento interior. Porém, mesmo depois da tua ida para a Direcção Regional de Évora, em 1986, continuámos sempre a trocar impressões regulares sobre os respectivos projectos, num desabafo contínuo sobre a vida pessoal e profissional. E continuámos a sair nos nossos carros, a percorrer descampados, visitando monumentos e ruínas.

Lembro a tua história, na Herdade da Coitadinha em Barrancos, onde decorreram algumas filmagens da “ Moira Encantada”, em que eras figurante no casamento entre o príncipe cristão e a moira, e em que repetiram tantas vezes a cena, que o pobre bezerro, a assar no espeto, ficou todo queimado! Corria o ano

de 1985 e, nessa Páscoa, assistimos na praça de Barrancos à estreia do filme, em que, mais divertido que o enredo, eram as reacções dos habitantes da vila quando se viam na tela. No ano seguinte andámos pela zona do Alqueva a fotografar lugares como o castelo romano da Lousa, que iriam ficar submersos pelas águas da barragem. Na verdade percorremos vários monumentos e sítios arqueológicos, em todo o país, durante mais de 3 décadas, em especial no teu querido Alentejo, passando por Miróbriga, Castro da Cola, Mesas dos Castelinhos, S Cucufate, Pisões, Monsaraz, Évora, Cuba, Beja, Serpa, Moura, Barrancos, Mértola.



Figura 5 – Susana Correia, Leonor Serrão. 1985, Mértola.



Figura 6 – Susana Correia, Teresa Marques. 1993 Castelo Velho de Freixo de Numão.

Em 1993, participámos numa visita memorável ao Castelo Velho de Freixo de Numão e a outros sítios arqueológicos do concelho de Foz Côa, no âmbito do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, realizado no Porto. Nessa década de 90, e contigo na Direcção Regional de Cultura do Alentejo e eu no IPPAR, testemunhei o teu empenho na realização dos Itinerários Arqueológicos do Alentejo e Algarve, a par das inú-

meras tarefas que realizavas, quer no acompanhamento de trabalhos arqueológicos, quer na elaboração de processos de classificação, para além dos estudos relativos à tua tese de mestrado sobre o cabeço da Azurria em Cuba, que defendeste em 1996. Nesse mesmo ano ainda frequentaste o curso Endovélico, realizado pelo IPPAR e pela Universidade Nova de Lisboa, no âmbito da aprovação de uma candidatura pelo PROFAP (Programa Integrado de Formação para a Modernização Administrativa), tendo-se realizado no concelho de Moura o módulo “GIS em Arqueologia”, sobre a utilização do GPS na localização de sítios arqueológicos.



Figura 7 – José Perdigão, António Carlos Silva, Teresa Marques, Susana Correia, Rafael Alfenim, Filomena Barata, Maria José Moinhos.1996, Moura.

Trabalhadora incansável, com objectivos definidos, sem porém gostares de te submeter a horários rígidos, com a liberdade que te caracterizava, e que por vezes te originou alguns dissabores, depressa ultrapassados com o teu fino humor e sem alterares o tom de voz. “Deixa ver...”, dizias tu com um sorriso, quando os problemas surgiam e pareciam sem resolução à vista.

E, na verdade, fomos vendo as tempestades passarem até que subitamente deixámos de te ver, quando te preparavas com afincos e determinação para visitares todas as ilhas da Grécia, no período da reforma que se avizinhava.

Testemunho também como, junto com esse sonho de viagem, estavas empenhada em não deixar trabalho pendente, tentando terminar tudo o que te tinha sido pedido, e preocupada em passar aos mais novos o que ainda haveria por fazer.

Incapazes de impedir a crueza de certos momentos que a vida nos depara, deixo estas palavras de evocação dos tempos felizes da nossa amizade, em

que o trabalho nos dava prazer e se misturava com a alegria em desfrutar da vida nos seus diversos tons e sabores, lembrando as sábias palavras de Eduardo Galeano quando diz que “*Las voces del pasado tienen mucho que decir a los tiempos que vienen.*” Nos tempos difíceis e desmemoriados em que vivemos, nunca o conhecimento do passado foi tão útil para ajudar a enfrentar as actuais ondas de ódio e destruição.


Despeço-me com a citação de uma frase da tua querida Agatha Christie (1890-1976), na sua Autobiografia:

“Ainda creio na fraternidade entre os homens, mas sei que agora isso vai demorar a acontecer. Digamos que ainda teremos de esperar uns 10 mil anos ou mais. Não adianta ser impaciente. A evolução é um processo lento”

Até um dia destes, Susaninha!



Figura 8 – Susana Correia. 2015, Serpa.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2025

www.arqueologos.pt